



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025

Março

Nº 474

DOCTRINA MONROE - A PROTEÇÃO AO IMPERIALISMO ABSOLUTISTA DA SANTA ALIANÇA

"A primeira condição de energia de uma nação fraca contra uma nação forte em qualquer pendência internacional é sem dúvida o juízo favorável das outras nações; é o apelo às outras nações".

Joaquim Nabuco

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

Considerações iniciais

Napoleão Bonaparte (1769-1821) assumiu o governo de França em 1799 por meio de um golpe de estado chamado Golpe do 18 do Brumário¹. Quatro anos depois, em 18 de maio de 1804 ele foi proclamado, por meio de um "senatus consultus" - Imperador, com o nome de Napoleão I. Um plebiscito ratificou a decisão. Na presença do Papa Pio VII, ele foi sagrado e se coroou a si próprio (abaixo). Conforme a Enciclopedia Barsa: "como a anunciar que somente a si mesmo era devedor"².



Até 1815, Bonaparte foi o homem, o político e o general mais importante da Europa.

Após ter sido vencido em Leipzig (1813), teve que suportar a restauração da dinastia dos Bourbon em França e a entrada em Paris do Czar da Rússia, Alexandre I, e do Rei da Prússia, Frederico Guilherme III. Foi uma humilhação.

Bonaparte foi exilado na Ilha de Elba (abaixo) em maio de 1814, mas consegue a proeza de evadir-se do local (março de 1815), volta à França e governa por mais 100 dias, até a derrota final na Batalha de Waterloo (18 de junho de 1815), quando foi vencido pelo inglês Duque de Wellington. Foi o fim. Mas o seu grande erro foi a invasão da Rússia em 1812.

Em uma década e meia, Napoleão tinha alterado de modo significativo o mapa da Europa, em uma verdadeira avalanche de guerras, conquistas e derrotas.

¹ 9/10 de novembro, pelo calendário tradicional. Brumário era a designação da Revolução Francesa para aquele mês.

² Barsa, volume 9, p. 425, edição de 1977, verbete Napoleão I. As palavras são dele próprio.



Foi o período do chamado Império Napoleônico, aliás, causa direta da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808. Mas isto é um outro assunto.

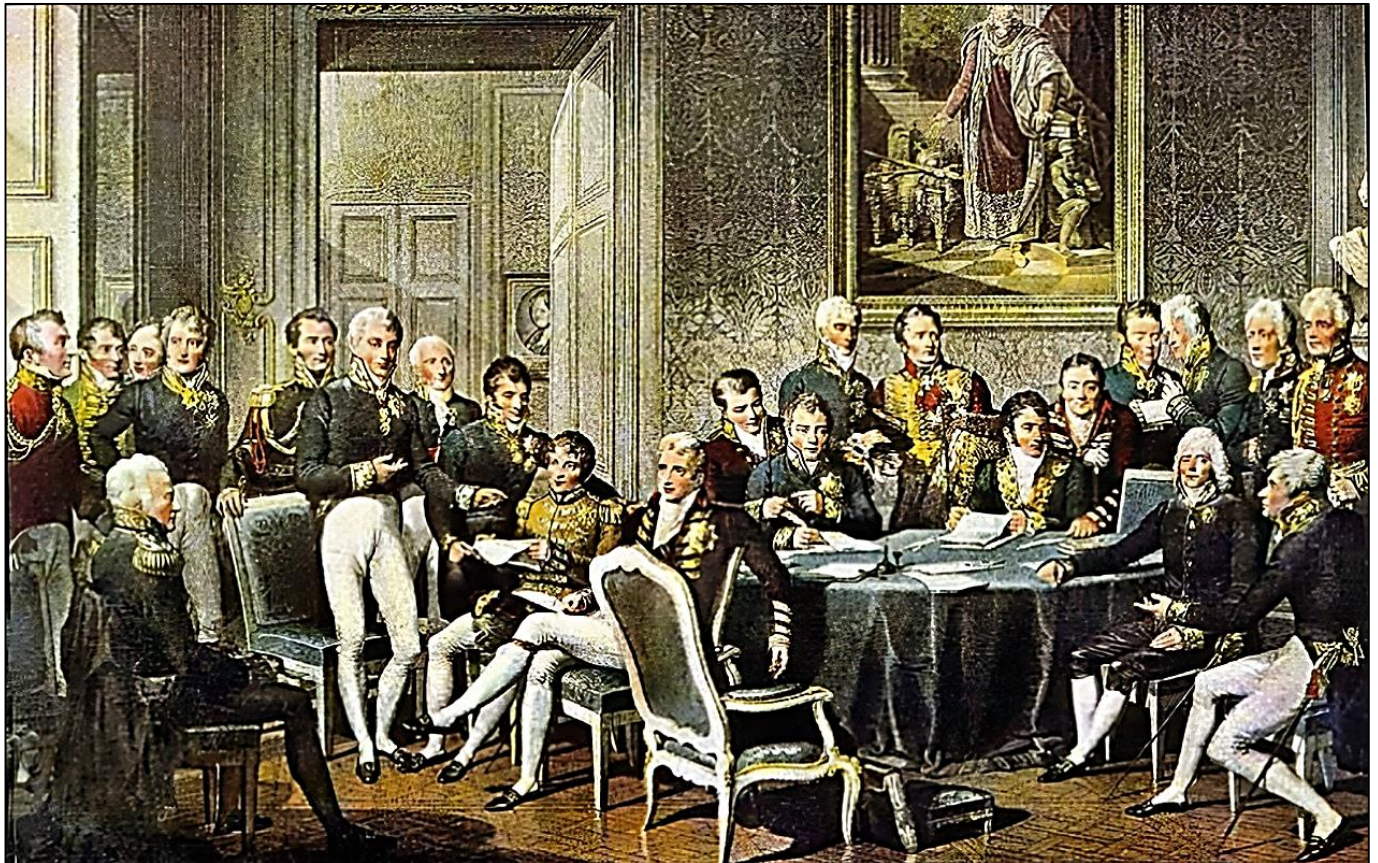
Antes mesmo da derrocada de Napoleão, as monarquias absolutistas europeias já estavam se preparando para reorganizar o mapa da Europa pós-napoleônica.

O Congresso de Viena e a Santa Aliança

A partir de 22 de setembro de 1814, e até 10 de junho de 1815, reuniram-se na capital austríaca as nações europeias vencedoras de Napoleão Bonaparte. Foram as seguintes: Rússia, Grã-Bretanha, Áustria e Prússia, as mesmas que já eram unidas pelo Pacto de Chaumont³ de 1º de março de 1814.

Os objetivos eram os de reorganizar o mapa da Europa, prevenir revoluções e preservar as dinastias tradicionais. Os acima citados eram os principais, mas mais de noventa estados participaram das reuniões, inclusive Portugal.

³ Este Pacto propunha que Napoleão entregasse todos os territórios por ele conquistados, ficando as fronteiras da França tal como eram antes das Guerras Napoleônicas em troca de um cessar-fogo. Se Napoleão rejeitasse o tratado, os Aliados continuariam o conflito. Napoleão não aceitou o tratado (Barsa, 1977, volume 14, p. 82).



Congresso de Viena. Fonte: classic-literature.co.uk

Os diplomatas que conduziram as negociações foram Klemens von Metternich (Áustria); o Visconde de Castlereagh (Sir Robert Stewart) e o Duque de Wellington (Sir Arthur Wellesley), ambos pela Grã-Bretanha; pela Rússia, os Condes Karl Robert von Nesselrod e Andrey Kirillovich Razumovsky; pela Prússia, Karl August von Hardenberg e Wilhelm von Humboldt; pela França, Charles-Maurice de Talleyrand⁴ e o Duque Dalberg; pela Santa Sé, o Cardeal Ercole Consalvi; pela Espanha, Don Pietro Gomez Labrador; e por Portugal o Conde de Palmela - Pedro de Sousa Holstein.

Os diplomatas espanhóis, suecos e portugueses também formaram o Comitê Dirigente.

Em nove meses, a maioria das resoluções foi relacionada a territórios, compensações territoriais e legitimidade dos impérios. Estas resoluções foram, amiúde, arbitrárias e jamais multilaterais. O objetivo era reduzir a França às antigas fronteiras (Gemma, 1954, p. 16).

No caso de Portugal, o fator mais decisivo foi o fato da Rainha Dona Maria I⁵ estar residindo fora da Corte (Brasil), posto que o Congresso reconhecia somente Portugal e Lisboa⁶. E, no contexto das restaurações territoriais, Portugal não teve outra solução senão devolver a Guiana Francesa até o Rio Oiapoque (Artigo 107 do Tratado).

⁴ Conforme Scipione Gemma, Talleyrand obteve grande autoridade no Congresso, só não superada pela tradição diplomática do Cardeal de Richelieu, que “não concebia uma França segura senão ao lado de uma Itália e de uma Alemanha ‘impotentes e fragmentadas’” (Gemma, 1954, p. 19).

⁵ Dona Maria I faleceu em 20 de março de 1816. Até esta data era a Rainha tendo, como Príncipe-Regente, Dom João.

⁶ Instalada em sua colônia americana, em consequência das guerras napoleônicas, a família real portuguesa viu-se em uma situação delicada depois do Congresso de Viena, cujas diretrizes expressavam o sentimento restaurador das velhas monarquias europeias. Reafirmando a legitimidade dos antigos soberanos e dos velhos reinos europeus, o Congresso reconhecia apenas Portugal e sua capital, Lisboa, como par, o que deixava o monarca português vivendo nos trópicos em meio a um dilema. A

O que nos interessa aqui é destacar que o Direito Divino dos monarcas foi restaurado, as famílias destronadas foram recolocadas no poder, liberdades públicas e individuais foram cerceadas e foi instaurada a chamada Política de Intervenção.

Estas decisões foram causas de agitações liberais, principalmente na Polônia, Bélgica, Itália e Alemanha, futuros países que dependiam, ainda, de suas unificações (Barsa, 1977, volume 14, p. 82/83). O governo dos 100 dias, de Napoleão, não interrompeu a conferência.

Após o Congresso, o Czar Alexandre convenceu seus colegas Frederico Guilherme e Francisco I a aceitarem e assinarem um novo pacto - o Tratado da Santa Aliança. Os signatários ficavam comprometidos a "seguir os princípios da moralidade cristã, comportando-se entre si como irmãos e, em relação aos seus povos, como pais" (Idem, volume 12, p. 298).

Com exceção da Inglaterra, todos os países europeus aderiram. O Papa, convidado, se negou a assinar. Se assinasse, ficaria ao lado de cristãos ortodoxos.

O romancista, poeta e dramaturgo alemão Wolfgang von Goethe defendeu o Tratado. O diplomata inglês Castlereagh criticou fortemente o mesmo.

E os EUA, convidados, temporizaram até 1820, quando declararam "não participar de nenhuma liga europeia" (Ibidem).

A redação do Tratado foi considerada vaga e imprecisa. E foi um símbolo da reação extrema. E então entramos no assunto principal - a Doutrina Monroe.

O Presidente dos EUA James Monroe

O quinto Presidente dos Estados Unidos da América, entre 1817 e 1825, foi o republicano James Monroe (1758-1831) (na página seguinte, em imagem da getty).

O virginiano lutou na Guerra de Independência, fez parte do Congresso Continental, foi senador, embaixador dos EUA na França, governador de seu estado, ministro das Relações Exteriores, presidente por dois mandatos consecutivos e reitor da Universidade da Virgínia.

Foi ele quem negociou com Napoleão a compra da Louisiana em 1803, quando obteve êxito nesta importante empreitada.

Durante a sua presidência pugnou pelo reconhecimento das independências das repúblicas latino-americanas⁷.

Obteve êxito nisto também, principalmente depois que a Espanha decidiu vender a Flórida.

saída veio com a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido, que igualou o estatuto do Brasil ao do Reino de Portugal (<https://historialuso.arquivonacional.gov.br/>).

⁷ O primeiro país a ser reconhecido foi a Colômbia em 1822. Depois, Chile e México e o que é a Argentina de hoje. Seguiram-se os demais, inclusive o Brasil (consultar GIORGIS, 2025, verbetes de 1810 em diante).

Monroe e a sua doutrina preventiva às monarquias europeias

Na Mensagem ao Congresso de 1823, baseou-se Monroe (ao lado) no princípio de que a

"Europa e a América constituíam duas esferas distintas de atividade política e deviam depender o menos possível uma da outra. A mensagem teve dupla motivação: reagir às pretensões russas relativas às costas do noroeste da América do Norte (o Alasca), afirmando que os Estados Europeus não tinham o direito de estabelecer colônias no Novo Mundo; e reagir à ameaça de intervenção europeia na América Central e na do Sul" (grifo meu). Na mesma época, a Grã-Bretanha ofereceu aos EUA uma aliança limitada, que foi rejeitada (Barsa, 1977, volume 9, p. 311) (charge abaixo, autoexplicativa).



Entretanto, a proposta de Monroe não teve unanimidade. O Secretário de Estado John Quincy Adams criticou-a dizendo que os EUA não deveriam entrar em "alianças embaraçosas" e/ou que representassem um papel secundário e/ou de satélite na América Latina.

A Doutrina diz o seguinte (a seguir), embora não tenha havido, na época, nenhuma repercussão nas Américas e muito menos no Brasil.

Nós devemos, entretanto, à franqueza e às relações amigáveis existentes entre os E.U.A. e aquelas potências declarar que consideraremos qualquer tentativa, de sua parte, de estender seus sistemas a qualquer porção deste hemisfério como perigosa à nossa paz

e à nossa segurança... Com os governos que têm declarado sua independência e a têm mantido, não podemos ver qualquer interposição... por uma potência europeia, senão à luz de uma manifestação de atitude inamistosa para com os E.U.A" (Idem).

Esta, acima, é a essência da Doutrina Monroe. Em seguida, surgiu o seu grande lema: "A América para os americanos", pelo qual ficou sendo mais conhecida.

Aqui estava e está estabelecida unilateralmente a doutrina contra a intervenção europeia nos negócios das Américas.

Ao longo do tempo ela foi várias vezes desafiada e foi também interpretada de acordo com os interesses dos EUA.

Como os EUA se tornaram a maior potência militar do planeta, foi possível ao Secretário de Estado Richard Olney afirmar que "Hoje, os EUA são praticamente soberanos neste continente, e seu *fiat*⁸ é lei para os súditos (!) aos quais ele circunscreve sua interposição".

Salvo melhor juízo – pura arrogância.

No início do século XX, a Doutrina Monroe teve duas novas evoluções:

- 1) a Doutrina Drago, para proibir o uso da força armada pelas potências europeias para a cobrança de dívidas de um Estado americano; e
- 2) o Corolário de Theodore Roosevelt (1904)⁹, o qual previa que, no Hemisfério Ocidental a adesão dos E.U.A. à Doutrina Monroe podia forçá-los ao exercício de um poder internacional de polícia.

Este Corolário, um novo princípio unilateral da política americana, demonstrou mais uma vez o papel dominante que os E.U.A. exerciam nas Américas e a importância da Doutrina Monroe transformada em referência da política exterior americana.

No Tratado de Paz de 1919, da I GM, o Presidente Woodrow Wilson fez questão de que ficasse ressalvada a validade da doutrina regional unilateral de Monroe (Barsa, 1977, volume 9, p. 311).

Nada mais nada menos que a política do "Big Stick" (charge na página seguinte), a qual ampliava o direito dos EUA de intervir nos países estrangeiros para garantir seus interesses, ou pela diplomacia, ou pela força militar, se necessário.

Ou seja, os EUA, além da Doutrina Monroe, passariam a ser os "Xerifes" da América, conforme Theodore Roosevelt Jr., um dos pais da pátria norte-americana.

⁸ Conforme dados da Internet: a expressão "*fiat*" pode ser uma locução latina que significa "faça-se" ou um substantivo que significa "comando" ou "ato de vontade".

⁹ Seu nome é uma referência ao discurso de Theodore Roosevelt (1858-1919), em 1901, em Minnesota. O presidente teria citado um provérbio africano que dizia: "com fala macia e um grande porrete, você vai longe" (Lucas Pereira em todamateria.com.br/politica-do-big-stick/).



Considerações finais

Neste ano de 2025, a Doutrina Monroe completa 202 anos, e está ativa. Não é um Pacto, nem um Tratado, nem mesmo uma Aliança. Como já foi dito, ela visa preservar as nações americanas de interferências externas do continente europeu e/ou asiático.

No campo militar, se uma nação americana for agredida a Doutrina terá que ser acionada, mesmo unilateralmente.

Conforme o escritor e especialista em EUA da BBC - Alex Bryne, o significado da Doutrina tem variado constantemente desde o presidente Monroe. As discrepâncias variam dependendo de como as autoridades interpretaram a doutrina nos últimos 200 anos.

Conforme o mesmo autor, Simon Bolívar teria declarado em 1824: "A Inglaterra e os Estados Unidos nos protegem". Aparentemente, a exceção aos estados europeus era a Grã-Bretanha, em todos os seus arreganhos na América Latina.

A tomada das Ilhas Malvinas/Falklands ocorreu em 1833 sem intervenção dos EUA. Os britânicos ainda reforçaram o seu controle sobre Belize, Jamaica e outros territórios caribenhos, também sem intervenção americana.

Dois pesos e duas medidas, quando se trata da Grã-Bretanha.

Durante a Guerra Fria, os EUA "invocaram o perigo comunista" para justificar as suas numerosas intervenções na América Latina.

Fala-se de muitas doutrinas: a Truman, a Kennedy, a Johnson. Mas, em uma leitura mais panorâmica, todas estas são reinterpretações da Doutrina Monroe, conforme sustenta um autor latino-americano.

De qualquer forma, a época da formulação da Doutrina era a do colonialismo. Hoje isso já não mais existe.

No entanto, a ideia que deu origem à mesma continua válida: os EUA continuam tendo um papel preponderante no que diz respeito aos seus vizinhos. E hoje, os interesses são mais puramente comerciais.

Por derradeiro, não se deve esquecer que, no final do século XIX, nos Estados Unidos, foi formulada a teoria do Destino Manifesto, segundo a qual a esse país foi dado - pelo alto, o poder para governar o mundo e ensinar aos outros como eles deveriam viver.

203 anos depois a Doutrina Monroe continua válida. Mr. Donald John que o diga...

Referências

BARSA, Enciclopédia. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Editores, 1977.

GEMMA, Scipione. História dos Tratados. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1954.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. Brasil - Linha do Tempo. Porto Alegre: Renascença, 2025.

PEREIRA, Lucas. todamateria.com.br/politica-do-big-stick/ (acesso em 11/02/2025).

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano Luiz Ernani Caminha Giorgis.



Doutrina Monroe - O Plano que transformou a AL em quintal dos EUA - Imagem da BBC News

A HISTÓRIA DA CONQUISTA DE MONTE CASTELO

Fonte: Grande crônica da Segunda Guerra Mundial. In: Seleções do Reader's Digest, Rio de Janeiro, 1969, Editora Ypiranga, volume 3.

A conquista de Monte Castelo inscreve-se entre os episódios mais notáveis da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália. O feito dos nossos “pracinhas” é narrado nestas páginas pelo escritor e jornalista Joel Silveira (abaixo) que, na qualidade de correspondente de guerra, acompanhou de perto o desenrolar dos acontecimentos.



Na véspera do dia 21 de fevereiro de 1945 eu havia pedido um jipe ao Major Souza Júnior, encarregado dos correspondentes (de guerra), para ir a Nápoles esperar o 4º escalão de tropas brasileiras que chegaria a 23. O major, então, me perguntou: Você prefere esperar o escalão ou uma coisa melhor? A "coisa melhor" era a ofensiva brasileira do dia 21 sobre o Monte Castelo.

Pela manhã, cedo, no QG recuado, fomos avisados de que a nossa artilharia abria

cerrado fogo, naquela noite, contra posições inimigas nas montanhas que há três meses nos barravam o caminho.

Tomamos um café apressado, enchemos os bolsos de chocolate e chiclete, e soltamos nossas viaturas até o QG avançado. Os jipes necessários já esperavam os correspondentes, cada qual subiu no seu e procurou, na frente, o melhor lugar para uma observação total da luta. Creio que a sorte me protegeu, que meu jipe andou mais depressa, não sei: o certo é que tomei de assalto o PO avançado do General Cordeiro de Farias e lá me instalei por todo o dia. Eram 8 h da manhã quando o general me cedeu seu lugar diante da luneta binocular e me disse:

- Começamos a atacar às 6 da manhã. As tropas em ofensiva constituem o 1º Regimento de Infantaria, o Sampaio. Os seus três batalhões avançam na seguinte ordem: o 1º, comandado pelo Major Olívio Gondim Uzeda, segue pela esquerda; o 2º, comandado pelo Major Sizen Sarmento, vai pelo centro; o 3º, comandado pelo Tenente-Coronel Franklin Rodrigues de Moraes, partirá da direita. Nossa intenção é envolver todo o morro e, em coordenação com a ofensiva americana que já conquistou Belvedere, arrancá-lo das mãos nazistas até o fim da tarde de hoje.

Vejo, através da luneta, os nossos pracinhas agachados lá na frente, grupos aqui e ali rastejando em direção ao cume de onde atiram, com suas curtas e sinistras gargalhadas, as terríveis "lurdinhas" alemãs. Agora mesmo um deles encostou-se num pedaço de muro destruído e aponta sua Thompson para qualquer lugar lá em cima. Os morteiros nazistas rebentam nas faldas do sul, mas nossa artilharia reinicia seu canhoneio sistemático e certo, como fizera toda a noite. Escuto os silvos das granadas sobre nós, vejo-as explodirem lá adiante, numa coroa de fumaça que cai sobre o Castelo como uma auréola de chumbo.

Uma de nossas baterias parece que perdeu a mira, e seis tiros caem muito aquém, quase num determinado setor brasileiro. O General Cordeiro dá ordens secas e rápidas, e durante alguns minutos seus ajudantes-de-ordens procuram, através dos cinco telefones de campanha e dos dois rádios, localizar o canhão amalucado. Finalmente o Capitão Durval de Alvarenga Souto Maior, comandante da 1ª Bateria do 1º Grupo, descobre que o canhão pertence à sua unidade. Há uma ordem rápida pelo rádio, e os tiros agora estão perfeitamente ajustados no eficiente conjunto de toda a artilharia.

À esquerda, sobre posições americanas além de Belvedere, cinco ou seis Thunderbolts descem em picada, rápidos como um peso despenhado de cima, e metralham impiedosamente os nazistas em defensiva.

Quando cheguei ao Posto de Observação do General Cordeiro, duas ou três horas depois de iniciada a ofensiva, a situação era mais ou menos esta: os batalhões avançaram, com exceção do 2º, comandado pelo Major Sizen, que partiria às 11h 35min de Gaggio Montano.

Os nazistas tentavam impedir a progressão dos brasileiros com um fogo concentrado de morteiros. Eu sabia que a conquista de Castelo só seria efetuada depois que os americanos, que partiram de Belvedere, houvessem se apoderado de Monte della Torraccia, um pico que, atrás, dominava certa parte do morro sob o qual avançavam nossos homens.

O ataque americano, que começara na noite anterior, estava sendo efetuado por toda uma divisão especializada, a 10ª de Montanha, recentemente chegada a este setor. Naquele momento, 10 da manhã, os norte-americanos se encontravam em determinado ponto além de Menzacona, meio caminho entre Belvedere e Torraccia. Menzacona ficara em poder de um dos batalhões brasileiros, com o qual os americanos haviam-se encontrado pela manhã.

Então a ofensiva combinada, no lado direito, tomou o seguinte aspecto: os brasileiros deixaram alguns homens em Menzacona e seguiram em direção a Castelo, pela esquerda, comandados pelo Major Uzeda. Os americanos foram à frente, em direção a Torraccia. Daí por diante, os acontecimentos se sucederam nesta ordem, conforme me dizem os quase indecifráveis apontamentos que fui tomando, às carreiras, entre uma olhada de binóculo e uma informação dos rádios:

- Ao meio-dia o General Mark Clark, comandante da frente italiana, o General Lucien Truscott, comandante do Quinto Exército, o General Willis Crittenger e o comandante-chefe das Forças Aéreas do Mediterrâneo estiveram em visita ao General Mascarenhas de Moraes, no seu Posto de Observação precisamente três quilômetros à direita do PO do General Cordeiro.

- Às 12h 30min, o Major Uzeda, que avança pela esquerda, pede proteção da artilharia para que possa alcançar um ponto na sua frente, e o General Cordeiro ordena as baterias: "Cinco rajadas de morteiros sobre 813".

- Às 13h 55min, um dos batalhões avisa que foram avistados reforços alemães que começam a chegar a Castelo. Ao lado direito, o Tenente-Coronel Franklin está detido com o seu terceiro batalhão. O Major Uzeda previne pelo rádio que tentará envolver Castelo pela esquerda.

- Às 14h 20min, o Major Uzeda avisa que vai atacar 920, penúltimo ponto antes da crista de Castelo. Pede mais tiros ao General Cordeiro, que transmite, através de seus auxiliares (o Coronel Miranda Correia e o Capitão Souto Maior são dois deles), ordens às baterias. O Major Uzeda se encontra precisamente a cinco quilômetros do PO, tendo realizado já uma progressão de mais de dois quilômetros. O diálogo entre Alma I, Alma II e Alma III (observadores junto aos batalhões) e Lata I, Lata II e Lata III (oficiais de ligação em plena luta) se repete de minuto a minuto.

- Às 15 horas, o Major Uzeda se encontra firme em 930, mas neutralizado por metralhadoras alemãs. Seu objetivo final será 977, ou seja, o cume do Castelo, onde tenciona chegar depois das 16h 30 min. Fica combinado, então, que, às 16h 20min, quando seu batalhão iniciar a definitiva marcha sobre a crista de Castelo, toda a artilharia divisionária concentrará seus fogos sobre as faldas e o cume do monte. Estamos disparando com canhões 105, 155 e morteiros.

- As 15h 5min, escuto do General Cordeiro que, até aquele instante, calculava já ter gasto uns 8 milhões de cruzeiros de munição com os disparos de sua artilharia.

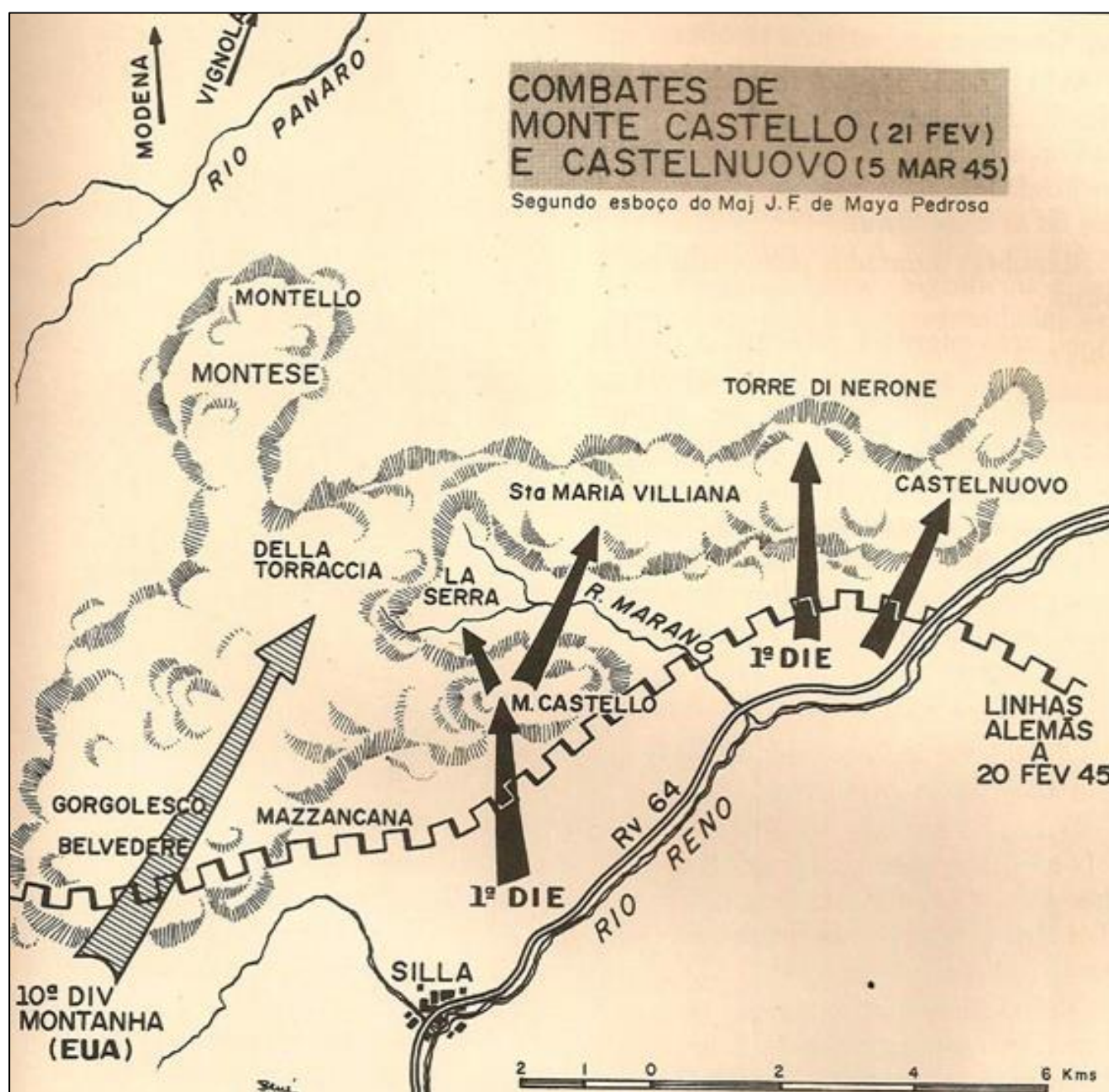
- As 15h 30min o Major Uzeda diz pelo rádio: "Meus homens estão prontos para atacar". Olho pelo binóculo que me emprestou o Coronel Miranda Correia e vejo lá em cima, no 930, os soldados em formação de ataque, esparsos pelos pequenos vales e deitados na pouca neve que o sol ainda não conseguira mandar embora.

Entre 13h 30min e 13h 50min há uma relativa calma: somente os morteiros nazistas, os aviões mergulhando nas faldas de Torraccia e um teco-teco brasileiro, plácido como uma asa estendida, que navega solitário sobre o campo de luta.

O PO do General Cordeiro de Faria fica localizado numa elevação do terreno lá embaixo; é o vale que nos separa de Castelo, e aqui atrás, seiscentos metros distante, está localizado um dos grupos de nossa artilharia. Quando suas peças disparam, há um violento estremecimento de toda a casa, e xícaras e copos trepidam na mesa com um barulho cristalino.

Os paisanos que aqui residiam, neste chalé amarelo, foram expulsos pela guerra e parece que não tiveram tempo de levar suas coisas. Os móveis estão intatos, há litogravuras nas paredes, um Cristo desalentado e pálido, fotografias de cavalheiros fardados e senhoras em trajes de inverno. Num dos cantos da sala onde o general colocou sua luneta, descubro um “ricordo nuziale” cercado por uma moldura dourada. Ali se recorda que, no dia 11 de dezembro de 1927, numa igreja de Bolonha, se consorciaram Dino Bettochi e Caterina Cioni. Uma paz distante.

- Às 16h 5min o Coronel Franklin Informa pelo rádio que seus homens ocuparam Fornelo, à direita de Castelo e próximo ao seu cume. Tratava-se de um ponto forte inimigo, erigido de metralhadoras, que foi dominado pelos nossos soldados. Fornelo foi um dos pontos em que foram barrados, em novembro e dezembro últimos, os anteriores ataques brasileiros contra a montanha tão cruel. Continua progredindo o batalhão do Coronel Franklin.



- Sem dúvida alguma, o instante mais sensacional de toda a luta do dia 21 aconteceu às 16h 20min, quando toda a Artilharia Divisionária concentrou seus fogos sobre Castelo. Já havia lá fora qualquer coisa da noite, e os obuses explodiam em chamas altas, que o binóculo me mostra, tão próximas e reais.

As faldas do monte estão cavadas e lá em cima o cume ficou transformado numa cratera de vulcão em erupção. O Major Uzeda avança protegido pela função dos tiros de fuligem, e nossas metralhadoras

estão trabalhando ativamente. Aqui dentro, ninguém diz nada. O general colocou definitivamente os olhos na luneta, e seus dedos, vejo bem, alisam automaticamente um pedaço da mesa. O Coronel Correia diz num fiapo de voz:

- Todo mundo está andando...

- Às 17h 40min os homens do Major Uzeda alcançam Esperança, outro ponto forte nazista no setor 930.

- Às 17h 45min o General Cordeiro de Farias afasta-se das lunetas, vira-se para mim e diz: "Praticamente Castelo está conquistado."

Chegam também informações sobre a situação dos americanos: eles não conseguiram ainda tomar Torracchia, e o avanço brasileiro sobre Castelo terá que ser feito com aquela estratégica posição ainda em mãos dos nazistas.

- Às 17h 50min a voz do Coronel Franklin vem, forte, pelo rádio: "Estou no cume do Castelo." E pede fogos da artilharia sobre pontos inimigos além do monte. "Castelo é nosso", diz-me o general. Mais três minutos, e as baterias estão canhoneando Caselina, La Serra e Bela Vista. Os nazistas respondem com morteiros. Mas nada mais adiantaria, porque, como me diria no dia seguinte o Coronel Franklin, "estamos em Castelo e ninguém mais nos tira daqui".

São mais de sete da noite quando seguimos, eu e o fotógrafo Horácio, pela estrada deserta e fria a caminho do nosso jipe que ficou distante. Nossa artilharia continua incansável. O Castelo está bem na nossa frente, mas é agora uma coleção de faldas amansadas. Já não nos domina com suas casamatas, já não vigia implacável nossos caminhos e estradas, já não nos segue com seus mil olhos nazistas. É um morro brasileiro, e amanhã estarei lá em cima, junto com os pracinhas vitoriosos, passeando pela sua arrogância domada.

No dia seguinte, logo cedo, o jipe me deixou em Abetaia um agrupamento de dez ou onze casas esfarinhadas pela guerra. É um nome que está definitivamente seguro na lembrança de todos os soldados da Força Expedicionária Brasileira: aqui sofreram eles alguns dos instantes mais sérios e cruéis da guerra, e neste chão, na falda frontal do traiçoeiro monte, muitos dos seus companheiros caíram para sempre. O cume do Monte Castelo, que visitaríamos depois, está aqui na nossa frente, arrebitado, liso, como certos morros da Tijuca.

Abetaia, durante perto de quatro meses, foi "terra de ninguém". Os paisanos foram expulsos daqui de suas casas, e seus lares, com o passar dos dias, foram-se transformando num aglomerado de ruínas. Noite e dia, patrulhas brasileiras e nazistas aqui se encontravam em combates violentos, numa dessas disputas que pertencem ao cotidiano da guerra e que nunca são mencionadas nos comunicados de guerra.

Na noite do dia 20 de fevereiro, véspera do definitivo ataque ao Monte Castelo, o Segundo-Tenente Kleber Gomes Ferreira, da 6ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, recebeu ordem de executar uma tarefa difícil e perigosa: com os seus homens, precisamente trinta e oito, ele teria que ocupar Abetaia, diante da próxima e insone vigilância nazista. Informaram ao Tenente Kleber que aquela seria uma "operação diversionista", isto é, uma manobra que fizesse crer aos alemães que o ataque a Castelo partiria de Abetaia.

O Tenente Kleber se pôs à frente dos seus homens, à meia-noite de 20 e marchou para o ponto indicado. A branca lua, luz de montanhas geladas, caía sobre suas casas destruídas, sobre os campos em derredor, tão lisos, e era um silêncio espesso de lugar morto. "Todos nós esperávamos um choque com os nazistas, sempre atentos. Mas Abetaia estava deserta".

A morte, porém, se multiplicava por todo aquele silêncio e aquela tranquilidade, escondida atrás de mil surpresas. Havia somente um caminho estreito e enlameado que uma vanguarda de mineiros libertara das minas: campos, autoestrada, atalhos, pontes e bifurcações estavam impraticáveis. Os homens tiveram que marchar através de uma estreita via e o aviso de todo instante é que "não deixassem um só minuto a reta aberta e livre". Uma pisada em falso na grama dos lados ou a tentativa de apanhar qualquer souvenir tedesco abandonado, um capacete ou um cantil seria a morte.

O resto da noite, para aquele oficial e seus trinta e oito homens, foi demorado e cheio de apreensões. Trincheiras individuais foram cavadas, e cada pracinha, dentro delas, transformou todos os seus sentidos num único. Um único sentido em direção ao Monte Castelo, por cujas faldas se derramava a lua.

Menos de trezentos metros além, encontravam-se os alemães defendidos pela sua montanha e pelas suas casamatas.

Depois que o ataque ao Monte Castelo chegou ao seu ponto vitorioso às cinco e meia da tarde do dia 21 - o Tenente Kleber pôde continuar sua tarefa com mais tranquilidade. Uma tarefa ao mesmo tempo trágica e penosa: seus homens teriam que demarcar, com longas fitas brancas, todas as zonas do terreno

minadas pelos nazistas: e depois, numa busca de cortar o coração, descobrir os cadáveres de soldados brasileiros tombados na luta do dia 12 de dezembro. "Passamos toda a manhã recolhendo os cadáveres, em número de vinte e seis". Outros corpos de nazistas foram encontrados, e alguns deles estavam carregados de booby traps e de outras armadilhas. "A estratégia nazista é de opinião que um alemão morto ainda pode matar alguém", me disse o Tenente Kleber.

Em Abetaia, o Tenente Kleber e seus homens varriam o terreno, espremidos entre as minas e as armadilhas. E as armadilhas se disfarçavam nas coisas mais inocentes: num pedaço de palha, numa casca de granada esquecida no chão, numa caneta-tinteiro, no vão de uma janela, dentro de um armário. Ainda hoje deve existir, lá em Abetaia, aquele minúsculo galho de árvore, pendente de um monte macio de feno, diante do qual os pracinhas passam sem coragem de pegar. "Aquilo pode ser passagem para o outro mundo", me disse o Terceiro-Sargento Amadeu Boanerges Cardona Pereira, um pernambucano do Recife.

Falemos um pouco dele: é um rapaz avermelhado, com o olho esquerdo meio torto, e os pracinhas o chamam de louco. O Sargento Boanerges já esteve cercado duas vezes pelos nazistas, em patrulhas. De um dos cercos ele conseguiu livrar-se com sua "lambedeira" na mão, um souvenir que ele trouxe de Palmeira dos Índios, quando esteve lá num destacamento. Boanerges tem sua filosofia: "A gente tem que dar duro, senão eles não respeitam a gente". Eles são os nazistas.

A tranquilidade que recebeu os brasileiros, na madrugada de 21, em Abetaia, foi precisamente até meia-noite do dia 23, quando os alemães desfecharam sobre os pracinhas do destacamento um violento e concentrado fogo de artilharia. O Tenente Kleber e seus homens tiveram que se meter nos fox-holes, à espera que "as coisas melhorassem".

Mas as coisas só melhoraram lá para as duas, quando voltou o silêncio. "A gente nem podia pensar", disse-me o Tenente Kleber. E o pracinha Geraldo Vitor da Costa, um civil de Guiricema, na Zona da Mata, em Minas, que a guerra convocou, me falou: - "Morteiro faz barulho de busca-pé. Aprendi isto nas duas horas que passei aqui, na madrugada de 24, debaixo do bombardeio alemão".

É de Abetaia que trago as primeiras lembranças desta ofensiva: uma bandeira da República Fascista de Mussolini, com suas bordas pipocadas de bala, jornais de Bolonha e Milão mais ou menos recentes, o estojo de uma metralhadora "lurdinha", o distintivo de um SS nazista e, não sei por que, um volume em alemão das Bucólicas, de Virgílio. Trouxe também comigo um folheto de perto de cem páginas intitulado Soldaten-Kameraden! da autoria de um tal Andreas Weinberger. Disse-me o Tenente Stahl, que entende e fala alemão, que se trata de uma série de exortações ao soldado em luta. A edição é de Munique, agosto de 1943. O penúltimo dono do livrinho (o último sou eu) foi um praça alemão de nome Karl Loezer, que espero já nos tenha dado a graça do seu falecimento.

Quanto às Bucólicas, creio que as passarei adiante, ao cabo José César Borba ou ao correspondente Raul Brandão, criatura dos clássicos.

Vinte horas depois da conquista de Monte Castelo, os caminhos lá na frente ainda não estavam inteiramente transitáveis. Havia muitas armadilhas, campos e estradas estavam minados, mas o sargento me disse que, "com cuidado", eu poderia chegar até ao PC do Coronel Franklin. "A ordem é não deixar a estrada".

Quando o jipe começou a galgar, quase alpinista, o coleante e íngreme caminho que leva à montanha, lembrei-me de certo pedaço de "estrada" que existe entre Rio Bonito e a margem do Araguaia, em Goiás: apenas duas linhas paralelas que as viaturas abriram na lama e às quais a neve, depois, deu uma dureza de ferro. Os alemães foram expulsos de suas posições altíssimas e privilegiadas, mas ainda continuam com seus esparsos tiros de morteiro e artilharia.

Quando chegamos no meio do caminho deserto e calado como se ainda fosse "terra de ninguém" avistamos as granadas nazistas que, por cinco ou mais minutos, explodiam lá embaixo, em Gaggio Montano. O pracinha que ia guiando perguntou se eu queria ir para ali. Respondi que estávamos muito a descoberto e o melhor seria andar mais para frente, até a próxima casa. "E veja se você pode andar mais depressa". Três pracinhas brasileiros nos receberam no bangalô abandonado - estavam estirados nos montes de feno e se levantaram rápidos imaginando que eu era qualquer capitão.

Todas as casas desta região não estão mais desertas e caladas, como lares mortos de um mundo impraticável. Agora, em todas elas, é fácil divisar a presença de um pracinha brasileiro, com seu fardamento amarfanhado, a barba por fazer e um tremendo cansaço dormindo nos olhos pesados de sono. Quando há qualquer instante de folga e tranquilidade - e eles são, hoje, tão raros os pracinhas se estiram ao comprido

em qualquer pedaço de chão, nas colinas de feno ou na grama rala, e ficam minutos e minutos sob o primeiro e pouco "caldo" sol deste fim de inverno. São pequenas reivindicações dos nossos pracinhas, agora praticáveis depois da expulsão dos nazistas.

Quarenta e oito horas antes, tudo isto aqui era chão ingrato e inimigo, batido pela artilharia, pelas metralhadoras e morteiros, à noite iluminado pelos foguetes alemães um campo de luta onde as sextas eram impossíveis.

A fadiga do pracinha é, nesta frente, a fadiga do tenente e do coronel, e o Tenente-Coronel Franklin me recebe com uma fisionomia típica de soldado de vanguarda. Há mais de duas noites que ele não dorme, duas olheiras roxas e espalhadas enrolam seus olhos. Mas a luta não terminou, e o PC avançado do terceiro batalhão do 1º Regimento, um dos primeiros a galgarem o cume de Castelo, ainda apresentava, na manhã do dia 22 e nas seguintes, um aspecto de trincheira.

As informações chegam de minuto em minuto, o rádio está aberto, os telefones tilintam. Na porta do PC do Coronel Caiado de Castro, alguns metros à direita, eu havia esbarrado com um grupo de prisioneiros nazistas seis ou sete, alguns muito moços, alguns muito velhos, e entre eles um alto e espigado sargento cuja especialidade, parece, é fazer continências seguras e prussianas. Uma das coisas mais ou menos incomodas que acontecem com os correspondentes, aqui na frente, é que não os deixam revelar conversas tidas com nazistas presos.

O Major Uzeda (Olivio Gondim Uzeda) falou alguns instantes com o comandante americano do grupamento de tanques. Vejo de longe os dois conversarem, e o major aponta para a frente, onde está um dos morros recém-conquistados. É de lá, detrás, que estão chegando estas granadas que, de cinco em cinco minutos, como numa aritmética, vão explodindo a duzentos ou trezentos metros de nós.

O comandante dos tanques leva suas máquinas e seus homens para uma ravina, adiante, e mais tarde todos estão em posição de combate. São quatro horas da tarde, mais ou menos, quando os tanques começam a atirar, uns tiros secos que seguem acompanhados e abençoados por um unânime "vai com deus" dos pracinhas brasileiros.

Como costume fazer sempre, peço ao Major Uzeda que me mostre, no mapa, onde estou. Não é um lugar do Senhor: quatrocentos e cinquenta metros além ("Às vezes menos", me diz o major) se encontram os alemães, expulsos de suas casamatas no dia 20 último e agora fincados nas suas posições no vale. "Tudo isto aqui era terra deles". É um dos lugares mais belos de toda esta frente. Há pequenas porções de pinheiros compridos e verdes, há pequenas árvores em fileiras que naturalmente rebentarão em flores na primavera, há o clássico riachinho de toda paisagem italiana.

Mas, de cinco em cinco minutos, os alemães intranquilizam e tornam impraticável este cartão-postal. Lá da janela dos fundos do PC, para onde me leva o Major Uzeda, pode-se ver quando as granadas chegam e explodem numa nuvem de areia negra e lodosa. Muitas vezes, centenas ou milhares, tenho perguntado a mim mesmo por que os obuses nazistas nunca desabam sobre mim, tão próximo. Ali está uma granada que veio do outro lado, que passou sobre o PC e que vai explodir lá embaixo. Creio que qualquer manobra despreocupada do pracinha nazista na sua artilharia, e aquela bomba seria para nós. Mas o major me explica que "ninguém morre na véspera", e continuamos os dois a assistir, "de palanque", ao estrago inútil lá de baixo.

Há precisamente oito dias que o Major Uzeda e seus homens vêm "dando um murro" dos mais pesados. Venho encontrar o 1º Batalhão do Regimento Sampaio um dos primeiros a chegar à crista do Castelo transformado numa coleção de cavalheiros afobados e barbudos. Muitos deles não dormem direito há muito tempo suas olheiras roxas dizem isso. Chegaram a 19 em Gaggio Montano, partiram a 21, de lá, para a perigosa manobra envolvente que venceu os nazistas. Durante doze horas, debaixo de uma barragem de fogo, estes homens avançaram, expulsaram os alemães de suas posições, destruíram casamatas, lutaram aqui e ali de baioneta e corpo-a-corpo, instalaram-se definitivamente no cume do monte erigido de metralhadoras e morteiros. Desceram de Castelo anteontem, depois de serem substituídos por outra tropa. Mas não vieram para um mundo de paz. Vieram para aqui, chão recém-tirado dos alemães, campo de guerra. É lógico que não voltaram todos: entre mortos, feridos e desaparecidos, o 1º Batalhão teve 47 baixas, entre os quais 13 mortos.

Agora, defronte do mapa e com a ajuda do Major Uzeda (estou já há dois dias aqui no PC, e ontem oh! surpresa da guerra, dormi numa igreja) posso reconstituir a marcha do batalhão: ele partiu de Gaggio Montano em direção a Mazancana, um lugarejo dois quilômetros adiante. Mazancana foi ocupada na noite do dia 20 e no começo da madrugada de 21.

Os homens do 1º Batalhão encontraram o povoado atapetado de minas e booby traps. Algumas armadilhas constituíam novidade para os pracinhas brasileiros, particularmente aquelas que, quando tocadas, explodiam em luzes coloridas ou começavam a gemer como uma coisa mal-assombrada.

O Segundo-Tenente Dulcelino Tavares, que comandou um dos pelotões, me conta que quando seus soldados escutaram aqueles gemidos pela primeira vez não se assustaram muito e um deles havia dito: "Isto é coruja. Conheço pelo pio". Mas quando a primeira "coruja" explodiu e espalhou um inferno de estilhaços por todos os lados, os pracinhas começaram a ter mais cuidado. "Não apanhem nada do chão: nem relógio, nem caneta-tinteiro, nem capacete abandonado. Não mexam nos cadáveres alemães. Não abram nem fechem portas ou janelas. Não peguem em nada" ordens assim eram repetidas de minuto a minuto, porque esta é também uma guerra de cuidado contra o ardil.

Na manhã do dia 21, o 1º Batalhão deixou Mazancana atrás com seus pios agourentos e continuou o avanço. Pode-se dizer que os segundos-tenentes Dulcelino Tavares e Fredímio Trota pegaram Fornaci de surpresa. Eles haviam preparado o assalto durante a noite, e quando veio a primeira luz do dia caíram em cima dos despreocupados nazistas. Muitos alemães foram pegados em pleno café. Um deles fazia a barba.

Nossas metralhadoras fizeram uma regular chacina entre os nazistas, que não tiveram tempo de responder ao ataque. Meia hora depois, o batalhão mandava para a retaguarda seis prisioneiros, duas "lurdinhas", e vários pacotes de bolachas alemãs, muito saborosas. Pouco depois das cinco horas o 1º Batalhão estava em cima de Castelo.

Joel Silveira



“Os militares não iniciam guerras. Os políticos começam guerras”.

General William Childs Westmoreland

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano Presidente da AH-
IMTB/RS (lecaminha@gmail.com);**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar: www.nuclev.com;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>